A maioria de nós não tem problemas com a fácil e útil dicotomia "qualitativo versus quantitativo" ao considerarmos as abordagens mais comuns na pesquisa em música. O problema em aceitar contraposiçoes binárias desse tipo como algo dado e imutável é o de enxergar as coisas apenas em preto e branco. Se de fato essa é a primeira escolha do fotógrafo quando busca uma maior definição da imagem, os tons de cinza são fundamentais. Fugindo das metáforas mas não dos binários, os artigos deste número da OPUS analisam a percepção e a produção da música sob os pontos de vista da musicologia crítica e empírica, analisam aspectos de continuidade e a mudança na música de Poulenc, de síntese a análise na música de Ravel, de aprendizagem formal e informal na música popular, e de preparação e execução da performance musical. Como o leitor observará, os autores dos artigos evitam as reduções simplistas e consideram as múltiplas variáveis que permeam os seus objetos de estudo. Mais do que isso, demonstram estar sintonizados com recentes debates sobre o lugar da música popular na academia, a redefinição de disciplinas teóricas a partir da realidade nacional, e a legitimidade da pesquisa empírica dos fenômenos de produção e percepção musicais.

Rogério Budasz